

*New York Times* Bestselling author Shanora Williams writing as

S. WILLIAMS

VENOM &  
GLORY



Disponibilização: Eva

Tradução: Juzita Bold

Revisão: Dani

Revisão Final: Lily Stella, Lady Bug e Gina North

Leitura Final: Eva

Formatação: Thaís

Outubro/2022

# VENOM

*Trilogy*

by S. Williams



O mundo já sabe quem sou eu.

Destruidor.

Assassino.

Eu sou soberano.

Eu governo.

Meu reino, minha família – eu estou no controle.

Eu nunca deveria me apaixonar por ela.

Poderosa.

Linda.

Forte.

Ela me torna vulnerável.

Ela poderia me matar.

E eu serei amaldiçoado se meu coração for minha  
fraqueza.

Quando se trata do reino e o que eu desejo... o  
reino sempre irá ganhar.



## *Prólogo*

Isso nunca deveria acontecer.

Eu traí sua confiança, despedacei sua lealdade e quebrei seu coração já partido.

O que diabos eu estava pensando - não, o que diabos *ele* estava pensando?

Ele nunca deveria ter confiado em mim. Ele nunca deveria ter me levado. Deveria ter simplesmente me matado, da mesma forma que fez com Toni, porque estar morta seria muito mais fácil que, agora percebo, estar com o coração partido.

Ele já foi o monstro no escuro – o homem que assombrava meus sonhos e roubava minha felicidade. Ele já foi o homem que eu odiava – alguém que nunca seria capaz de perdoar.

Isso foi o que pensei.

Mas o homem que já foi um monstro no escuro se tornou tudo que eu sempre quis. Ele se tornou o único raio de sol que tenho – minha única esperança. Ele é quem me restaurou – aquele que me mostrou o que sou capaz e quem eu realmente sou.

Ele é a única razão pela qual ainda desejo viver.

Sem ele, eu posso estar de volta naquele galpão novamente – acorrentada. Despedaçada. Espancada. Faminta.

Sem ele, eu também posso estar morta.



## Capítulo Um

Draco

Eu já fiquei desapontado com muitas pessoas.

Fui fodido e enganado. Espancado e desrespeitado. Eu vi coisas – coisas que me assombraram, transformando meus sonhos em pesadelos malignos.

Eu já vi sangue. Vi meu próprio pai cortar o braço de um homem com um motosserra em nosso porão e, apesar de toda a brutalidade que presenciei, nunca hesitei. Nunca vacilei. Nunca me importei com aquelas pessoas.

Mas isso... *isso* é algo que eu não poderei aceitar.

Eu a sinto olhando para mim.

Eu a ouço fungando.

Não posso nem mesmo olhar para ela.

A van passa por cima de um buraco, me deslocando, mais perto dela. Ela pega minha mão. Eu me afasto.

“Draco,” ela implora.

“Cale-se. Não fale,” um dos *putos* no banco da frente ordena. Quero quebrar a porra do seu pescoço por falar dessa maneira com ela – *comigo*. Ele tem uma arma preta apontada para o meu rosto. Se minha cabeça não estivesse tão desorientada, meus dedos tão entorpecidos, eu iria arrancá-la dele e enfiá-la em sua maldita garganta.

“Draco,” ela sussurra.



Eu mantenho meus olhos à frente, flexionando a mandíbula.

A van finalmente começa a desacelerar, e eu olho pela janela. A igreja está a poucos metros de distância, meus homens já estão alinhados, armados e esperando. Eles levantam suas armas assim que veem a van indo em sua direção, prontos para atirar se necessário.

O motorista estaciona e o homem no banco do passageiro abre a porta e sai. Com um sorriso nos lábios, ele caminha pelo lado da van, abrindo a porta de trás.

“Pegue sua cadela mal-humorada e dê o fora daqui,” ele resmunga para mim quando saio.

Eu olho para ele. Frio. Severo. Seu pescoço está bem ali. Sua garganta. Apenas agarrar e apertar e poderia acabar com a porra da sua vida.

Sua garganta oscila quando ele percebe que estou olhando para ela, um claro sinal de medo, *fraqueza*. Eu odeio filhos da puta fracos que não podem se garantir.

“Cuidado com a porra da sua boca antes que eu soque você,” Patanza fala atrás dele, apontando uma arma na parte de trás de sua cabeça.

Vários homens nas caminhonetes atrás da van se aproximam, segurando suas armas em posição, mirando em nós. Mantenho meus olhos no guarda, *o hijo de puta* na minha frente, e então finalmente pisco, levantando uma mão no ar, um comando silencioso para Patanza recuar.

“Ajude-a a entrar no carro,” ordeno. Eu nem sequer reconheço minha própria voz. O timbre gelado, seco e rouco.



Patanza corre para Gianna, agarrando seu cotovelo, quase a arrastando para a caminhonete. Quando ela está segura, e a porta está fechada, fixo meus olhos no guarda novamente, dando um passo mais perto, olhando-o ainda mais duramente agora.

“Você pode se sentir orgulhoso agora, sobre o que acha que você e seu chefe conseguiram, mas *nunca* se esqueça quem diabos eu sou.”

Ele se afasta, tentando rir, mas vejo o pânico em seus olhos. Ele observa suas costas enquanto volta para a van, ordenando que o motorista se apresse e vá embora.

Vejo cada veículo sair. Sei que pelo menos um deles vai demorar por aqui. Vai fingir afastar, mas esperar em algum lugar para tentar me seguir de volta para minha mansão.

Não irei deixar isso acontecer, então eu espero.

Eles continuam pela estrada, um rastro de poeira ondulando atrás deles.

Quando estalo os dedos, as botas esmagam instantaneamente no chão. Meu olhar está à frente, ainda observando as vans se afastarem.

Quatro apitos altos passam pelos meus ouvidos, disparando pelo ar como canhões.

Então há fogo.

*Muito fogo.*

Uma grande nuvem de fumaça se forma, da mesma forma que meus carros quando me atacaram perto das rosas azuis. É feroz e forte, como a raiva que sinto neste exato



momento. A explosão faz o sino da igreja tocar, um pequeno carrilhão ressoando profundamente em meus ossos.

Quatro furgões - todos os veículos dela - são explodidos por armas de lançamento de mísseis. Este era o meu Plano B. Se algo acontecesse com Gianna ou com quem me importasse, deixei claro que seria uma luta dos diabos.

Eu disse a ela que isso significaria guerra.

E então começou.

“Eles foderam com a pessoa errada,” resmungo em espanhol, virando-me para a caminhonete. “Nós vamos para casa, empacotem tanto quanto puderem e nós estaremos voando para fora daqui dentro de uma hora.”

“Sí, Jefe,” todos dizem em unísono. Eu entro na caminhonete e fecho a porta, mas sinto seus olhos em mim. Não olho. *Não posso olhar.*

“Dirija. Agora,” ordeno, e a caminhonete sai imediatamente. Nós seguimos em direção aos carros explodidos e à medida que nos aproximamos, vejo uma figura em movimento. “Pare o carro.”

Exijo a um dos meus homens para me dar sua arma. Quando ele me entrega uma pistola, eu pulo para fora, dando passos lentos e medidos em direção ao *hijo de puta* que tinha tanta merda a dizer durante a viagem até aqui - aquele que estava tão feliz e disposto a apontar a porra da arma na minha cara.

“Você sabe o que é tão triste sobre Yessica e seus homens?” Eu engatilho minha arma e aponto para a testa dele. Ele alcança para mim com os dedos ensanguentados,



seu rosto vermelho e lábios rachados, boca cheia até a borda com sangue. “Nunca se aprende a vigiar suas malditas costas.”

Atiro em sua testa, o som ecoando com o sino da igreja, alto o suficiente para ferir meus ouvidos. Tudo está quieto quando a cabeça dele bate no chão. Há apenas o crepitar das chamas, o chiado do fogo.

Presumi que isso me daria satisfação, mas não acontece. Isso só me irrita mais. Meu queixo range quando suas mãos caem. Um ataque de raiva provoca as partes mais escuras de mim - aquelas partes que nunca mais queria sentir de novo - e eu o *chuto*. Chuto sua cabeça repetidamente, espumando pela porra da boca, as mechas mais longas do meu cabelo batendo no rosto.

“*FILHO DA PUTA!*”

Eu ouço gritos. Lamentos. Não dou a mínima. Continuo chutando.

“Draco!” Gianna grita, sua mão envolvendo meu pulso. Eu giro rapidamente, apontando a arma para o centro da testa dela.

“Não me toque, porra!” Eu pressiono a arma na sua cabeça, ouvindo alguém se aproximar.

“Jefe.” Eu olho e Patanza está olhando para mim, a cabeça balançando. “Precisamos ir. *La policía ya viene en camino.*” *A policía está a caminho.* “As câmeras só ficarão desligadas por mais dez minutos nesta área.” Seus olhos se voltam para Gianna, que está de frente para a arma, como se ela fosse levar a bala se necessário.



“Entre na porra do carro, e não diga uma palavra,” eu ordeno para Gianna.

Ela me encara com aqueles brilhantes olhos verdes, me desafiando. Está tentando me entender, mas sei que ela não pode. Ela não pode porque não quero que entenda.

Quando ela percebe, vira-se, e demonstrando tristeza entra no SUV. Eu a sigo para dentro e o motorista se afasta.

Coração ainda batendo acelerado.

Corpo entorpecido.

Boca seca.

Ossos doloridos.

Digo a eles, “Vou matar cada um deles. Qualquer um associado com aquela cadela traidora vai morrer, e essa é minha promessa maldita! *Esa puta me lava a pagar!*” *Essa cadela vai pagar.*



## *Capítulo Dois*

Gianna

Chegamos na mansão e Draco pula do SUV antes que ele pare, apontando e dando ordens em espanhol enquanto entra na casa.

Patanza aparece na minha porta e a abre, levantando a cabeça, silenciosamente ordenando que eu saia. Saio e caminho em direção à mansão, as pedras esmagando sob meus pés.

Dentro da mansão, ouço portas sendo abertas e algumas sendo fechadas. Eu ouço as coisas sendo jogadas ao redor, homens gritando em espanhol, e até vejo algumas das empregadas correndo pelas outras portas com as malas.

Me apresso pelo vestíbulo.

Há vários homens marchando pelos corredores com malas pretas – malas que presumo terem pistolas e outras armas guardadas nelas. Mais homens passam pela sala de jantar e pelo corredor, alguns com retratos e outros objetos de valor.

“Lá em cima, para o quarto do Jefe,” Patanza ordena para mim, me cutucando no ombro.

Olho por cima do meu ombro, mas ela já está observando. Me olha com tanto desprezo e desgosto, meu peito desaba. Enquanto subo, tento procurar Draco por cima



do corrimão, mas não o vejo em lugar nenhum. Eu nem sequer o ouço.

Eu viro no corredor e assim que me encontro na porta do quarto de Draco, Patanza diz, “Aprese-se e troque de roupa. Melhor usar algo confortável.”

“Nós estamos indo embora?” Eu pergunto quando ela vem em minha direção. Suas narinas dilatam, e como se ela não tivesse tempo para minhas perguntas, passa por mim, entra no armário e agarra um vestido de algodão sem ao menos olhar para ele. Quando ela vem em minha direção, praticamente enfia no meu peito, fazendo-me franzir a testa.

“Troque. De. Roupa. Nós vamos voar em vinte minutos.” Ela caminha rapidamente para a porta e a fecha atrás de si. Meus dedos tremem enquanto seguro o vestido. Ando até o armário, percebendo que alguns dos outros vestidos estão faltando. Provavelmente já foram embalados.

Felizmente, este vestido é na altura do joelho e feito de algodão. É confortável e preto, combinando com o meu humor.

Visto-me rapidamente e caminho até o banheiro, percebendo falta do estojo de maquiagem. Olho para o espelho, meu rosto ainda pálido do horror, meus olhos ainda arregalados de choque.

Demora um momento para a ficha cair.

É isso que eles estão vendo? Uma Gia fraca? Com *medo*?

Há uma batida na porta e Patanza entra de novo, acenando com a mão. “Vamos! Você não tem o dia todo! Jefe está esperando!”



Ela anda até mim, segurando meu cotovelo, quase me arrastando porta afora.

“Espere – Patanza! Que porra é essa?” Puxo meu braço para longe dela, franzindo a testa quando encontro seus olhos. “Por que está sendo tão puta comigo? Eu não sou mais sua maldita prisioneira!”

Seu lábio superior se contorce e ela dá um grande passo para frente, ficando cara a cara comigo. Eu não recuo, nem mesmo quando ela diz, “Você pode muito bem ser uma maldita prisioneira, Gia. Você não é mais minha Patrona. Você é apenas uma *puta* estúpida que não sabe como ficar em seu lugar.” Ela torce o nariz para mim. “Ele me contou o que aconteceu com Thiago.” Ela engole em seco. “Eu pensei que você seria diferente. Acontece que você não é melhor que o resto.”

Minha boca se abre, e sua expressão de raiva fica mais acentuada. “Patanza, eu - pensei que nós éramos—”

“Pensou que nós éramos o que?” Ela interrompe, sobrancelhas unidas. “*Amigas?*” Sua risada é amarga quando ela olha para longe. “Sim,” ela murmura, virando-se de costas para mim. “Eu também pensei que nós éramos amigas, e tenho certeza que Jefe pensou o mesmo.” Ela olha por cima do ombro com uma careta. “Mas amigos não esfaqueiam amigos na porra das suas costas.” Totalmente de costas viradas para mim. Antes de sair pela porta, ela grita, “Vamos, porra!”

Meus pés se movem para o comando dela antes que eu possa até mesmo processar meus pensamentos.



## *Capítulo Três*

Gianna

Tudo acontece tão depressa quando saio pela porta da mansão.

Eu literalmente sou jogada na traseira do SUV por Patanza, o motorista se afastando sem um momento de hesitação assim que a porta se fecha.

É apenas o motorista, mais Patanza, que está sentada no banco do passageiro, e eu no veículo. Viro-me, olhando de volta para a mansão enquanto seus homens e até algumas das empregadas entram e saem, colocando malas e bolsas dentro de outros carros e SUVs.

“Onde está Draco?” Pergunto, voltando-me, focando em Patanza.

Mas ela age como se nem me ouvisse, olhando pela janela.

“Patanza, onde vamos?” Eu pergunto, certificando-me de que minha voz soe mais exigente do que aterrorizada.

“Apenas cale a boca.” Sua voz está calma. Calma demais. Ela não parece nem um pouco preocupada, e por sua postura, suponho que não deveria estar também.

Nós viajamos por um longo tempo - eu quero dizer por mais de uma hora.



No momento em que paramos, o sol está brilhando no céu. Os pneus do SUV diminuem a velocidade e o motorista estaciona. Tanto o motorista quanto Patanza saltam para fora, Patanza vem para a minha porta enquanto o guarda corre para o porta-malas.

Deslizo para fora do carro e ela se vira, caminhando para um armazém não muito longe. Eu a sigo, o motorista atrás de mim, com as malas na mão. Ela entra no prédio e tem pessoas lá dentro. Paro por um momento, atordoada.

Eu não ficaria tão surpresa com a visão deles se não estivessem todos completamente nus sob aventais pretos, parados em frente a montanhas de cocaína branca pura, pesando e ensacando tudo cuidadosamente.

Há três guardas postados nas portas, mantendo os olhos no povo.

O que mais me choca é que nenhum deles - e quero dizer *nenhum* - olha para nós quando entramos. Eles permaneceram focados em seu trabalho, sem sequer piscar os olhos. Este deve ser um dos muitos centros de produção de Draco.

Sigo Patanza através de uma porta cinza com um sinal de *SALIDA* acima dela. *SAÍDA*. Assim que saímos, um jato aparece. Eu diminuo meu ritmo, mas Patanza continua marchando, assim como o motorista, que passa correndo por mim sem nem olhar na minha direção.

O jato é elegante e branco, o motor já está zumbindo alto enquanto eu caminho até lá, lenta, mas seguramente.



Há um homem alto e desajeitado usando um boné preto de beisebol ao lado da escada. Sua pele é muito bronzeada, seus olhos são verdes quando piscam para encontrar os meus. Ele pergunta a Patanza alguma coisa, e quando ela responde e os dois olham para mim, sei que estão falando de mim.

Finalmente me aproximo deles, e ela me manda entrar no jato.

“Draco vem?” Pergunto, meus olhos travando com os dela.

Ela estreita o olhar. “Isso importa?”

“Sim, importa. Não faço ideia para onde vou e não sei onde ele está.”

Patanza dá um passo para a esquerda, estendendo a mão e levantando uma sobrancelha, gesticulando para que eu suba a bordo. Desafio seu olhar, estreitando meus olhos.

Sua mão cai, sua agitação em plena exibição agora. “Entre na porra do jato, Gia,” ela ordena para mim.

“É Patrona para você,” Respondo.

Patanza sorri e avança para me atacar, mas o homem ao lado dela pressiona a mão pesada contra seu peito, simplesmente balançando a cabeça.

“Acalme-se. Ela ainda é a Patrona,” diz o homem em sua língua nativa. Ele caminha ao redor dela, estendendo um braço, apontando para os degraus do jato. “Este jato vai levar você a uma casa segura, Patrona. Essa foi a ordem de Jefe. Tenho certeza de que ele entrará em contato com você em breve.”



“Por que ele não está comigo agora?” Pergunto em espanhol.

“Ele tem mais algumas coisas para lidar aqui antes que possa estar com você.”

Engulo em seco, desviando o olhar dele para encarar Patanza. Sem uma palavra, embarco no avião, entrando na primeira cabine. Percebo que há duas, ambas com poltronas de couro marfim.

A cabine em que estou de pé tem uma mesa na frente de duas poltronas reclináveis e um sofá de três lugares em frente às janelas. Do outro lado do sofá há uma TV de tela plana em cima de um suporte de madeira. Está tudo aparafusado e seguro.

É luxuoso e grita *Draco* com certeza.

Com um suspiro, vou até o sofá e me sento, olhando pela janela para o deserto vazio. O jato treme quando alguém embarca, e Patanza aparece. Ela olha para mim brevemente, mas se vira para a outra cabine. Uma porta desliza fechada do lado dela, estou feliz por isso. Não quero lidar com ela agora.

O motorista vem em seguida, alcançando acima de uma das poltronas de couro à direita para guardar as malas no compartimento. Ele nem olha para mim. Fecha o compartimento e desaparece em questão de segundos.

O homem, que aparentemente é o único com algum respeito por aqui, vem em seguida, cheirando a tabaco. A porta fecha quando ele está a bordo, trancando-nos. Ele retira o boné de beisebol, revelando um brilhante cabelo



negro, o que faz com que seus olhos verdes se destaquem ainda mais.

Eu nunca o vi antes. Nunca o conheci.

“Você deve se sentar em uma das poltronas por agora, Patrona,” ele sugere, apontando para uma das poltronas reclináveis. Suponho que ele só deve falar espanhol. “Vamos decolar em menos de um minuto e esses são os únicos assentos com cintos de segurança. Você precisará ficar presa com o cinto até ficarmos livres para andar por aí.”

Não discuto. Apenas faço o que me disse.

No momento em que estou afivelada, coloco um punho sob o queixo e olho para fora da janela.

“Uma bebida antes de sairmos?” Ele aponta para a cozinha em frente ao banheiro.

Olho para ele.

“Rum, por favor,” murmuro. Esta era a bebida da minha mãe sempre que ela estava estressada.

Ele balança a cabeça, afastando-se. Ouço os copos tilintar e o barulho do gelo, e então ele volta em pouco tempo com um copo pequeno na mão, cheio até a metade com líquido marrom e gelo. Ele me entrega o copo frio e eu tomo um gole, amando o gosto amargo.

O homem se senta na poltrona reclinável em frente a mim e se afivela. Ele pega o celular para mandar mensagem para alguém, então o coloca em seu porta-copo, olhando diretamente nos meus olhos.



Seu sorriso é suave, olhos gentis. Ele parece legal, mas posso dizer que não teria um problema em matar alguém se precisasse, assim como todo mundo.

“Por que eu nunca te encontrei antes?” Pergunto quando as rodas do jato começam a rolar. Ele ergue uma sobrancelha, sua cabeça se inclina como se não entendesse o que estou dizendo. *Sim, ele definitivamente só fala espanhol.*

Faço a pergunta novamente, em espanhol desta vez.

“Ahh.” Ele aperta seus lábios. “Eu trabalho nas cidades, nos jatos, nas fábricas e nos armazéns.”

“Então você não é um dos guardas dele?”

“Eu sou mais um... gerente, suponho. Cuido de algumas das remessas, estabeleço o horário para os voos dele sempre que precisa de um, e manejo os contracheques dos empregados.”

“Os empregados? São aquelas pessoas na fábrica?”

“Sim. Assim como os guardas dele.”

“Qual o seu nome?”

“Emilio.”

Aceno com a cabeça, dando-lhe mais uma varredura com meus olhos antes de voltar meu foco para o que quer que esteja fora da janela. “Tenho certeza que você sabe o que está acontecendo. Provavelmente está chateado comigo também.”

Ele dá uma risada rouca. “Como posso ficar chateado quando não era muito próximo do Sr. Thiago? Não quero ser cruel, mas neste negócio acontece. Constantemente.”

Eu olho para ele. “Thiago... não merecia o que aconteceu com ele. Tenho certeza que todo mundo acha que é minha



culpa. Sei que Patanza pensa assim. E isso é. É tudo culpa minha.”

“Eu não me preocuparia, Patrona. Merdas acontecem.” Ele encolhe os ombros, como se fosse assim tão simples.

“Draco me culpa também. Ele não disse isso, mas sei que está no fundo de sua mente. Ele não fala comigo desde então...” Engulo seco e dói como o inferno fazer isso. Eu tomo um gole do meu rum para facilitar o ato. “Desde que eles atiraram nele bem na nossa frente.”

Os lábios de Emilio se estreitam, aqueles olhos verdes, ousados, firmes nos meus. Com um suspiro pesado, ele diz, “Relaxe, Patrona. Durma. Você precisa disso. Nós não ficaremos aqui por muito tempo. Não se preocupe com isso agora. Você está segura.”

Afasto meu olhar, afundando na almofada da minha poltrona. O jato está no ar agora, a turbulência é um pouco instável. Uma vez que se estabelece e o jato está voando suavemente, termino minha bebida e coloco meus pés sobre a poltrona. Tento dormir, mas é impossível. Eu mudo de posição, fecho os olhos com força, tudo isso sem sucesso.

Quando já se pode desafivelar os cintos, Emilio se levanta e me dá privacidade, mas mesmo que ele não esteja aqui, não consigo dormir.

Cerca de uma hora depois do voo, ouço a porta que Patanza fechou deslizar aberta. Vejo-a ir para onde fica a cozinha e servir alguma coisa.



Ela volta com um copo com líquido claro e gelo dentro dele. Ela se senta na minha frente e eu endireito meu corpo, com as sobrancelhas franzidas, pronta para os seus ataques.

“Relaxe,” ela murmura. “Eu não tenho permissão para te machucar... mesmo que realmente queira.” Ela bebe sua bebida – vodca ou tequila eu suponho – e então solta um suspiro agudo.

Patanza se acomoda em seu assento, de olhos fechados. É a primeira vez que eu a vejo beber álcool, e abaixar a guarda.

“Eu tive tempo para esfriar a cabeça,” ela afirma.

Eu não falo. Não sei o que dizer.

Ela termina sua bebida em questão de segundos, e o gelo bate contra o vidro quando o coloca em seu porta-copo.

Ela solta um longo suspiro. “Você sabe há quanto tempo estive aqui? Perto de Jefe?”

Minhas sobrancelhas unem-se. “Eu não dei muita atenção.”

“Dois meses. Nós pegamos você em junho. Hoje é 10 de agosto.”

“Oh.”

“Jefe nunca confiou em ninguém tão rápido – não dentro de um prazo de dois meses.”

Pisco rapidamente, fixando meu olhar em outra coisa. Meu peito parece apertado e ferido novamente.

“Como você sabe que ele confia em mim?”

“Porque ele me disse, *idiota*.”



Pressiono meus lábios juntos, e apesar de onde estamos e do que estamos passando agora, meu coração palpita.

“Ele disse que nós deveríamos fazer qualquer coisa que você precisasse - antes de toda essa merda acontecer. Ele não se importava que você andasse na praia ou nadasse sozinha, ou mesmo se quisesse ir para a cidade várias vezes. Ele deixaria você ir porque ele sabia que era inteligente e voltaria. Jefe sabia que você não ia a lugar nenhum. Sabia que você não era *idiota*.”

Abaixo meu olhar, focando em minhas unhas vermelhas. “Ele nunca deveria ter confiado em mim.”

“Não,” ela zomba concordando. “Ele não deveria.” Eu inclino minha cabeça, prendendo meus olhos nos dela. Ela pega seu copo, girando o gelo ao redor. “Sabe, Thiago me prometeu algo um dia antes de ser pego.”

“Prometeu?”

“Sim.” Sua cabeça cai, seu cabelo preto emoldurando seu rosto. “Ele prometeu que me levaria para longe daqui. Prometeu que eu não precisaria mais ser um guarda. Que nós fugiríamos juntos.”

*Meu Deus.* Aperto meu cinto de segurança, piscando rapidamente. “Espere... pensei que vocês se odiassem.”

Ela olha por baixo de seus cílios, encolhendo os ombros um pouco. “É... bem, *era complicado*.”

“Como?” Pergunto, e quando ela abaixa a cabeça e olha pela janela, vejo um lado de Patanza que nunca vi antes.

Vulnerável.

Fraca.



Solitária. Vejo agora que ela precisa de uma amiga. Ela quer falar sobre isso.

Solto meu cinto de segurança, deslizando para a borda do meu assento. “Patanza, me diga como.”

Seus olhos encontram os meus. Posso dizer que ela não quer me dizer, mas que ela nunca confessaria isso a nenhum dos outros guardas. Não, ela não iria confessar isso a qualquer homem – apenas a outra mulher, que vai entender muito bem. Eu sei como é suprimir sentimentos por alguém com quem não deveria me importar.

“Thiago não era do tipo de se estabelecer,” admite ela. “Ele só aparecia a cada poucos meses, e sempre que ele aparecia, nós nos encontrávamos escondido. Nós nos encontrávamos em algum lugar e instantes depois estávamos fodendo loucamente.” Ela solta uma risada tímida, como se lembrasse de algo engraçado. Em questão de segundos, o rosto dela está sério novamente. “Mas durante sua última visita, tentei ficar longe dele. Não queria transar de novo porque toda vez que ele precisava ir, nós discutíamos. Antes de partir, ele sempre me dizia sobre como me amava, como ele precisava de mim, como eu era diferente de qualquer mulher que ele já conheceu, mas depois de dizer tudo isso, ele ia embora no dia seguinte, sem nenhum tipo de adeus. Apenas ia *embora* e não dava notícias enquanto estava fora. Ele sabia que eu tinha meu próprio telefone. Draco deu a ele meu número todas as vezes que precisei trocar de telefone, caso ele precisasse falar com um de nós, mas ele nunca ligava. Nunca.”



“Talvez ele estivesse ocupado,” digo na esperança de fazê-la se sentir melhor.

“Estamos todos ocupados,” ela resmunga. Patanza se mexe na poltrona, exalando. “Havia algo diferente dessa vez, no entanto. Ele queria me encontrar mais vezes. Mesmo durante o dia, quando ele sabia que os outros guardas estavam observando. Em algumas dessas vezes fizemos sexo, sim, mas ele conversou mais, falou sobre como queria fugir. Ele disse que iria completar a última remessa para Draco e então iria parar e fazer suas próprias coisas – administrar seu próprio império. Não com drogas, mas, acredite ou não, ele queria abrir uma empresa de impressão de camisetas.”

“Oh,” digo, sorrindo um pouco. “Uau.”

“Sim. Soa brega e idiota, mas ele era bom nisso. Ele fez algumas camisetas para arrecadar fundos na cidade. Para as crianças que estavam desabrigadas. Ele e Jefe sempre deram mais do que receberam...” Ela exala. “Na noite anterior ao seu carregamento, ele me disse, 'Patanza, quero que você venha para a América comigo. Nós vamos morar em uma casa na praia em Miami. Nós vamos fazer amor e foder como sempre fazemos. Vamos nos afastar de tudo isso.’” Ela ri timidamente. “Eu disse que ele era um idiota. Jefe não ia me deixar ir tão facilmente. Eu sou sua melhor guarda. Ele confia mais em mim. Não me deixaria simplesmente fugir com Thiago, além disso, eu fiz um acordo com Draco que trabalharia e daria minha vida por ele, não importa o que acontecesse.”



“Você merece ser feliz também, Patanza,” eu digo. “Você trabalha muito. Está sempre lá para Jefe. Tenho certeza que ele teria entendido.”

“Eu obviamente não mereço felicidade.” Ela olha para mim. “Thiago está *morto* agora. Seja qual for a liberdade que eu pensava que ia ter desapareceu. Eu queria fugir com ele. Queria me afastar de tudo isso – *matar* pessoas. Sempre em fuga, como agora. Precisar vigiar minhas costas porque todo mundo sabe que eu trabalho para o Jefe.” Sua respiração está irregular. “Eu só queria uma vida normal pela primeira vez, então disse a ele que iria se ele dissesse a Jefe que iria me levar com ele. Jefe teria ficado chateado, mas ele teria me deixado ir no final. Ele é protetor, mas também benevolente comigo. Ele sabe o que eu passei na minha infância e adolescência. Mas trabalhar para Jefe é praticamente tudo que já conheci. Na verdade, eu estava com medo do normal. Mas Thiago me prometeu que tudo ficaria bem. Ele prometeu que iríamos embora e seríamos felizes, beberíamos margaritas e acordaríamos com o nascer do sol.” Ela solta um suspiro entrecortado.

“Realmente sinto muito, Patanza,” sussurro. “Thiago não merecia e me sinto péssima por isso. Sei que você me culpa por roubar sua liberdade, e eu sinto muito, mas prometo que você ainda pode sair. Se realmente quer ir embora, diga ao Jefe. Diga a ele que quer ir. Ele confia em você. Sabe que você nunca o entregaria.”

“Não.” Ela se senta ereta, balançando a cabeça com força enquanto me olha no fundo dos olhos. “Depois do



que aconteceu, não vou a lugar algum. Eu *preciso* estar aqui para Jefe.”

“Draco pode cuidar de si mesmo.”

“Eu não tenho outro lugar para ir,” ela resmunga para mim, levantando a cabeça. “Além disso, preciso cuidar dele por causa de cadelas sorradeiras como você.”

Eu me recosto na poltrona de novo, arrancando fiapos do meu vestido. “Eu me sinto mal com isso, Patanza. Aquela garota foi tão... fria. E também Henry.” Eu aperto meus olhos bem fechados. “Só achei que ele estava dizendo a verdade – achei que era uma pessoa honesta. Nunca tive a impressão de que ele estivesse mentindo, e não achava que estivesse tão envolvido com Yessica.”

“Yessica,” ela cospe. “Yessica é apenas uma puta estúpida que está chateada com Draco porque ele disse a ela que nunca iria amá-la. Ela provavelmente ficou chateada quando ouviu que havia uma mulher na vida de Draco que estava sendo chamada de Patrona, e ela veio atrás de você. Ela não dá a mínima para o Sem Braços. Ela o teria deixado naquela cela para apodrecer para sempre, mas sem ele, ela nunca teria chegado a você. Pena que a gente simplesmente não sabia disso.”

“Sei disso agora. Mas Draco estava disposto a deixá-lo ir também... ele acreditou em mim até que ela...”

“*Dios mío!* Ele ama você, Gia!” Ela grita para mim, me olhando nos olhos, e meu coração bate acelerado no peito. “Ele está tão apaixonado por você – eu nunca vi isso antes. Mas depois disso, não sei como ele pode. Quero



dizer... *Thiago.*” Ela diz o nome dele de forma dolorosa. “Thiago era seu parente mais próximo além de sua mãe, e ele o assistiu *morrer*, bem desse jeito.” Ela estala seus dedos. “Em um piscar de olhos ele foi embora, tudo por causa de um erro que você cometeu.”

Nós duas ficamos em um silêncio espesso e desconfortável, ela olhando para mim, eu olhando para ela.

“Ele não pode me amar,” digo a ela. “Ele *não deveria* me amar.”

“Bem, quer saber?” Seu tom é retórico enquanto ela se levanta. “Ele ama. Tenho certeza que ele deseja não amar, mas ele ama. Se há uma coisa que eu sei, é que você não pode lutar contra o amor. Não pode ignorar isso. Você pode tentar, mas não vai funcionar. Isso só vai fazer você pensar ainda mais na pessoa.” Ela vai até a segunda poltrona, no corredor. Seus olhos não encontram os meus quando ela diz, “Estaremos aterrissando em breve.”

Ela diz isso, e nem mesmo trinta minutos depois vejo palmeiras e, além delas, um oceano azul cristalino. Emilio volta e me diz para afivelar o cinto novamente. Eu faço isso, e o jato pousa em questão de minutos.

Emilio se levanta, alcançando o compartimento do outro lado do corredor e pega as malas pretas. Quando ele tem as alças na mão, me pede para segui-lo. Sigo atrás dele e logo Patanza aparece.

Eu noto, antes de sair, que os olhos dela estão vermelhos e inchados. Ela usa um boné agora para tentar



proteger os olhos, e coloca óculos de sol antes de sair do avião, mas percebo.

Eu não tento consolá-la. Em vez disso, sigo Emilio descendo as escadas até o elegante Mercedes branco estacionado à frente. Há um motorista parado ao lado do carro. Quando ele nos vê, abre a porta traseira imediatamente.

“Vá em frente e entre no carro, Patrona,” diz Emilio por cima do ombro, indo em direção ao porta-malas. Entro e Patanza vem logo atrás de mim, evitando meus olhos.

Emilio está no banco do passageiro, e o motorista entra, logo na sequência, cheirando a muita colônia. Assim que a porta de Emilio se fecha, ele sai, dirigindo por uma estrada longa e sinuosa.

Não faço ideia de onde estamos até chegarmos ao fim de uma estrada e me deparar com uma placa de rua.

Los Cabos.

Estamos em Cabos?

Eu olho para Patanza. Ela finalmente olha para mim, apertando os lábios juntos. A viagem continua por quase quinze minutos antes de entrarmos em uma área residencial.

Há uma casa aqui, muito menor que a mansão de Draco, mas ainda assim bonita.

É uma casa ampla de dois andares, feita de estuque branco, com telhas laranja, arroxeadas e lamacentas. Nós estacionamos e saímos com Emilio liderando o caminho para a porta com um conjunto de chaves. Ele destranca e me deixa

entrar.



Eu piso sobre o mármore branco encerado, e o cheiro de canela e sal marinho me atinge. Ouço gaivotas gritando e caminho passando pela saleta e pela sala de estar com mobília luxuosa e limpa. Toda superfície está livre de poeira e fiapos.

À minha frente, estão duas portas de vidro abertas, com uma varanda com vista para o mar. Aproximo-me das portas e o vento joga meu cabelo para trás, refrescando minha pele molhada de suor. Descendo os degraus, há uma piscina de borda infinita com nenhum traço ou partículas de sujeira dentro dela. É azul-safira, clara, ondulante, como o oceano que não está muito além dela. Existe até um bar dentro da piscina.

É maravilhoso, e por um segundo, tenho que admitir que esta casa é muito mais bonita que a mansão. Ao contrário da mansão, esta casa tem muitas janelas, permitindo que o sol atravessasse, destacando as mesas e sofá branco em forma de L. Este lugar é acolhedor e de alguma forma parece seguro.

Pitoresco.

Simples.

Confortável.

“Se você gosta daqui, deve ver o quarto principal,” diz Emilio, aparecendo ao meu lado. Sorrio levemente para ele, virando e seguindo-o para o quarto. Patanza não está à vista agora.

Emilio caminha por um longo corredor e depois vira para outro e para a última porta à direita. Estou maravilhada



com o quarto assim que a porta se abre e ele coloca as malas no chão.

É enorme, com um terraço privado com vista para o oceano também.

Dou um passo mais perto, vendo uma banheira de hidromassagem do lado de fora do terraço, uma bandeja com pão, frutas e até uma garrafa de Merlot. A cama é enorme, coberta com lençóis brancos e travesseiros marrons, uma cabeceira branca e grossa combinando com os lençóis.

“Sei que são apenas duas da tarde, mas a fruta e o Merlot são para você. Por favor, avise-me se há mais alguma coisa que eu possa fazer por você, Patrona. A cozinha é totalmente equipada e há ainda um bar nesta casa e à beira da piscina. Você pode me ligar, ou pode sair e fazer você mesma qualquer coisa.” Emilio dá um passo para trás. “Você provavelmente quer ficar sozinha, então eu vou para o meu quarto enquanto se acomoda.” Ele pega um dispositivo preto no suporte de TV. “Pressione o botão verde quando precisar de mim.”

“Ok,” aceno. “Obrigada, Emilio.”

*“Por supuesto, Patrona.” É claro, Patrona.*

Ele começa a se virar, mas eu chamo por ele rapidamente antes que possa sair pela porta.

“Si, Patrona?”

“O... Jefe estará aqui em breve?”

Emilio estuda meus olhos, mas depois afasta o olhar.

“Eu não tenho certeza de quando Jefe virá, Patrona, mas você está mais segura aqui.”



“Você quer dizer que eu estou mais segura longe dele do que *com* ele?”

Seus olhos verdes brilham com o reflexo do sol. Tudo o que ele faz é um breve aceno de cabeça, então sai fechando a porta marrom atrás dele.

Volto, caminho até a banheira de hidromassagem, olho para a fruta e o pão, mas não tenho estômago para comer.

Em vez disso, pego a garrafa de Merlot e o abridor de garrafas, abro e sirvo-me.

Há apenas uma taça, o que significa que provavelmente ficarei sozinha por bastante tempo. Bebo um longo gole vinho e, em seguida, deixo a taça sobre a bandeja. Retirando meu vestido, deixo-o de lado e entro na banheira de hidromassagem, afundando em seu oásis quente com apenas a calcinha e sutiã.

Eu pressiono minhas costas contra a borda da banheira, pego meu copo meio vazio, e apenas... *respiro*.

Pela primeira vez desde que tudo começou, respiro e deixo tudo fazer sentido.

Draco não estará aqui por um tempo. Ele me mandou embora, provavelmente porque não podia mais me ver. Sei que ele não vai aparecer nos próximos dias – ou nunca. Estou a salvo aqui, sim, mas não sei o que diabos devo fazer aqui sozinha.

Esta casa é linda – linda mesmo. É tudo e mais um pouco, mas sem ele por perto, me sinto de volta naquela cela, apodrecendo. Sozinha e com medo. Preocupada sobre o que está por vir e como lidar com isso.



# S. WILLIAMS

Lágrimas ardem nos meus olhos, mas tomo um gole de vinho para ignorar a queimadura, olhando para o oceano.

Eu sei que Patanza disse que ele me ama, mas agora ele precisa me odiar.

Eu me odeio.

Eu roubei a felicidade de Patanza – uma felicidade que parecia tão brilhante e libertadora. Eu a tirei dela e ela nunca me perdoará por isso.

Por minha causa, o primo e o confidente mais próximo de Draco se foi.

Por causa da minha estupidez e hipocrisia, tudo está *arruinado*.



PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Venom & Glory (venom Trilogy #3) S. Wi..."  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).